

**FeLin: feminismo e linguagem em um projeto de extensão**

*FeLin: feminismo y lenguaje en un proyecto de extensión*

*FeLin: feminism and language in an extension project*

**Élidi Preciliana Pavanelli**

**Resumo:** Este trabalho apresenta o relato de experiência do projeto de extensão *FeLin: feminismo e linguagem*, que promoveu uma formação continuada *on-line* com professoras(es) da educação básica, abordando estudos feministas, letramentos críticos e a BNCC de Linguagens. A metodologia adotada foi a pesquisa-formação na cibercultura, que valoriza o protagonismo dos sujeitos e o uso pedagógico das tecnologias digitais. Ao longo de dez encontros, foram discutidos temas como gênero, sexualidade, estereótipos, feminismo negro, linguagem neutra e práticas pedagógicas inclusivas. Os dados e interações demonstraram o potencial transformador da proposta e a urgência de formações comprometidas com a justiça social e a equidade de gênero na educação.

**Palavras Chave:** Formação Docente. Feminismo. Letramento Crítico. Cibercultura. Educação.

**Resumen:** Este trabajo presenta un relato de experiencia del proyecto de extensión *FeLin: feminismo y lenguaje* en un proyecto de extensión, que promovió una formación continua en línea para docentes de educación básica, centrada en los estudios feministas, los letramientos críticos y la BNCC del área de Lenguaje. La metodología adoptada fue la investigación-formación en la cibercultura, que valora la agencia de los participantes y el uso pedagógico de las tecnologías digitales. A lo largo de diez encuentros, el curso abordó temas como género, sexualidad, estereotipos, feminismo negro, lenguaje inclusivo y prácticas docentes inclusivas. Los datos recopilados y las interacciones destacaron el potencial transformador del proyecto y la urgencia de formaciones comprometidas con la justicia social y la equidad de género en la educación.

**Palabras Claves:** Formación Docente. Feminismo. Letramiento Crítico. Cibercultura. Educación.

**Abstract:** This paper presents an experience report from the extension project *FeLin: feminism and language* in an extension project, which promoted an online continuing education program for basic education teachers, focusing on feminist studies, critical literacies, and the BNCC for Language Arts. The adopted methodology was research-formation in cyberculture, which emphasizes participant agency and the pedagogical use of digital technologies. Over ten sessions, the course addressed topics such as gender, sexuality, stereotypes, Black feminism, gender-neutral language, and inclusive teaching practices. The collected data and interactions highlighted the project's transformative potential and the urgency of training programs committed to social justice and gender equity in education.

**Keywords:** Teacher Education. Feminism. Critical Literacy. Cyberculture. Education.

**Élidi Preciliana Pavanelli** – Professora efetiva da rede estadual de educação básica do MT. Professora na E.E. Ênio Pipino, em Sinop/MT e preceptora do programa Residência Pedagógica UNEMAT núcleo Língua Portuguesa – edital 2022. E-mail: [elidipavanelli@gmail.com](mailto:elidipavanelli@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

As diretrizes e leis educacionais ressaltam a importância de que a escola seja um espaço de reflexão crítica e de transformação social, capaz de enfrentar as profundas desigualdades presentes em nosso país. Para garantir a todos uma educação transformadora, torna-se fundamental abordar as desigualdades de gênero no ambiente escolar. Contudo, essa temática, carregada de tabus, tem sido alvo de uma crescente onda conservadora que, nos últimos anos, resultou em tentativas de censura e sua exclusão dos planejamentos pedagógicos.

Um marco importante nesse processo foi, em dezembro de 2017, a homologação da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2018), que suprimiu os termos "gênero" e "orientação sexual". O Conselho Nacional de Educação (CNE) comprometeu-se a emitir orientações futuras sobre o tema, mas a ausência explícita dessas expressões na BNCC reforçou a ideia de que tais assuntos não deveriam ser abordados nas salas de aula. Com isso, o movimento Escola Sem Partido e outras frentes conservadoras ganharam força, tornando o tratamento de questões de gênero um desafio ainda maior para os educadores.

Diante desse cenário, criamos um projeto de extensão apelidado de FeLin (junção dos termos feminismo e linguagem), parte de uma pesquisa maior intitulada de "Repensando práticas docentes de línguas: contribuições dos estudos feministas", vinculado ao Grupo de Estudos em Linguagem, Letramentos, Tecnologias e Diferenças (GELLTED) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O objetivo do projeto foi oferecer formação continuada a educadoras e educadores, com foco nos estudos feministas e suas abordagens críticas, a fim de fomentar uma educação mais inclusiva e reflexiva.

Neste relato, buscamos apresentar o percurso de desenvolvimento do projeto de extensão e compartilhar alguns de seus principais resultados. Para isso, iniciamos com uma breve contextualização teórica que orientou o planejamento e a condução dos encontros formativos. Na sequência, abordamos os fundamentos metodológicos da pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2019) e descrevemos os encontros realizados explicando suas temáticas e relatando as atividades desenvolvidas, discussões e reflexões propostas. Por fim, trazemos algumas reflexões a partir dos resultados obtidos ao longo da experiência.

### 1. Desafios da Formação Continuada Docente

A formação continuada de professores (FC) compreende uma diversidade de ações que vão desde iniciativas estruturadas, com carga horária e certificações definidas, até práticas informais inseridas no cotidiano escolar, como grupos de estudo, trocas entre colegas e discussões em horário de trabalho. Essas formas mais integradas ao dia a dia docente aproximam-se das realidades da sala de aula e promovem o desenvolvimento profissional de maneira mais orgânica (GATTI; BARRETTO, 2009).

No contexto brasileiro, Gatti e Barretto (2009) indicam que as reformas curriculares implementadas nos anos 1990 impuseram desafios significativos às instituições responsáveis pela formação de professores. Como essas mudanças nem sempre foram incorporadas de forma consistente aos currículos das licenciaturas, surgiu a necessidade de ações de FC que auxiliassem os educadores na adaptação às novas diretrizes. No entanto, segundo as autoras, muitas dessas formações limitaram-se à difusão das reformas, sem promover debates sobre como traduzi-las em práticas



pedagógicas efetivas. Com isso, predominavam eventos pontuais, como minicursos e encontros esporádicos, que pouco contribuíam para resolver os problemas concretos enfrentados pelos docentes. Assim, cabia aos professores encontrarem, sozinhos, maneiras de implementar mudanças, sem o suporte necessário para reflexão e diálogo.

As autoras também argumentam que a estrutura dessas formações, caracterizada por sua brevidade, alcance restrito, escassez de recursos e ausência de suporte prático, comprometia sua eficácia. Outro aspecto relevante apontado por Gatti e Barretto (2009) era a exclusão dos professores do processo de elaboração das políticas e programas de formação, o que dificultava o engajamento e a apropriação crítica dessas iniciativas. Em consonância com esse pensamento, Nóvoa (2009) defende que a formação deve emergir da própria prática docente, com protagonismo dos professores na construção de seus percursos formativos.

Tendo em vista esse cenário, concebemos nosso projeto de extensão como uma proposta de formação continuada que promovesse a reflexão crítica sobre o fazer docente e a condição do educador como sujeito inserido em uma sociedade que carrega e reproduz determinados paradigmas. Consideramos fundamental pensar a formação a partir da prática e dos sentidos construídos por quem atua na educação, alinhando-nos à ideia de Nóvoa (2009) de que toda proposta formativa precisa estar ancorada na experiência e na reflexão dos próprios professores.

Dessa forma, organizamos um roteiro de estudos fundamentado nos estudos feministas e de gênero, buscando problematizar o cotidiano escolar por meio de uma abordagem crítica e decolonial que dialogue com o exercício da docência.

## **2. Metodologia: pesquisa-formação na cibercultura**

O projeto de extensão teve como proposta desenvolver uma pesquisa-formação com docentes da educação básica, mediada por tecnologias digitais, com foco em feminismos e letramentos críticos. O objetivo foi oferecer uma formação que os capacitasse a integrar, em suas práticas pedagógicas, os saberes construídos ao longo do processo, promovendo impactos positivos tanto para suas alunas e alunos quanto para a comunidade escolar.

Na elaboração da proposta, buscamos uma metodologia que permitisse articular teoria e prática em ambientes *on-line*, tratando as tecnologias não apenas como instrumentos de mediação, mas como espaços formativos em si, capazes de gerar experiências significativas. A abordagem da pesquisa-formação na cibercultura, proposta por Edmea Santos (2019), mostrou-se adequada a esse propósito. Segundo a autora, essa modalidade envolve práticas de ensino e pesquisa ancoradas na troca de narrativas, sentidos, imagens e dilemas vivenciados por professores e pesquisadores por meio das interfaces digitais. Ela defende que tais ambientes possibilitam a constituição de sujeitos que aprendem enquanto ensinam e pesquisam, promovendo uma dinâmica formativa colaborativa e horizontal.

Foi com base nessa perspectiva que estruturamos o projeto: um espaço de aprendizagem coletiva, em que todas as pessoas (cursistas e organizadoras) atuassem simultaneamente como aprendizes e mediadoras. A cibercultura, conforme argumenta Santos (2019), oferece dispositivos e ambientes que favorecem uma aprendizagem ubíqua e conectada às múltiplas experiências (pessoais, profissionais e acadêmicas) dos participantes, promovendo uma formação contínua sensível às transformações culturais, sociais e políticas contemporâneas.

Diante desse alinhamento teórico-metodológico, optamos por denominar a proposta como uma pesquisa-formação na cibercultura, entendendo que o contexto atual da educação demanda ações formativas integradas às realidades digitais e às urgências da docência contemporânea.

### 3. Participantes e contexto da formação

O público-alvo do projeto foi professoras(es) da educação básica, preferencialmente da rede pública, com interesse em dialogar sobre os estudos feministas e a BNCC na área de Linguagens. Inicialmente, a formação foi planejada para até 40 docentes, número considerado viável para garantir a participação ativa de todos em um ambiente virtual colaborativo.

A divulgação ocorreu por meio do envio de e-mails informativos a escolas, sindicatos e secretarias de educação, com um formulário de inscrição acessado por *link*. O processo permaneceu aberto por 15 dias, período em que recebemos 45 inscrições. Recebemos inscrições de pessoas que não atuam na educação, mas de áreas afins como direito e psicologia e também de estudantes. Decidimos aceitar todas as inscrições e adaptar nosso planejamento inicial para acolher a todas. Após algumas desistências, ao final, 25 cursistas, provenientes de 24 municípios de diferentes estados brasileiros, participaram efetivamente da formação.

As atividades foram realizadas de forma remota, com o apoio de um grupo no *WhatsApp* e encontros semanais por videoconferência via *Google Meet*. Esses espaços virtuais possibilitaram a construção de um ambiente formativo dedicado ao estudo, à reflexão teórica e à criação de propostas pedagógicas.

A proposta formativa promoveu experiências com multiletramentos críticos, incentivando os participantes a elaborarem sequências ou protótipos didáticos inspirados em suas vivências e práticas. Essa concepção dialoga com Rojo e Moura (2012), que definem os protótipos didáticos como estruturas flexíveis e adaptáveis, possibilitando sua aplicação em diferentes contextos.

A pesquisa-formação favoreceu um processo de construção coletiva de saberes, envolvendo tanto os professores quanto as pesquisadoras em momentos de escuta, análise, troca de experiências e criação de estratégias pedagógicas. Parte essencial da formação foi a elaboração de uma proposta didática, que permitiu aos participantes pensarem em possibilidades de aplicação dos conteúdos discutidos com seus estudantes.

### 4. FeLin: feminismo e linguagem em um projeto de extensão

Com a aprovação da proposta pelas instâncias institucionais da universidade, iniciamos o planejamento detalhado de cada encontro do curso. Dedicamos alguns meses à seleção das temáticas, elaboração de materiais de apoio, definição das atividades e estratégias de coleta de dados, considerando que o projeto integra uma pesquisa mais ampla – a tese de doutorado de uma das proponentes. Realizamos reuniões *on-line* para alinhar as decisões, priorizando: uma fundamentação teórica atual e coerente, com destaque à produção de autoria feminina e decolonial; exemplos práticos; diversidade de recursos digitais; e espaços para escuta e reflexão.

Após essa etapa, organizamos um percurso formativo distribuído em encontros temáticos conforme Figura 1 e detalhado na sequência.

Figura 1 – Mapa das temáticas



Fonte: sistematização das temáticas elaborado pela autora no *Canva*

### Encontro 1 – Apresentações e marco legal da abordagem de gênero na educação

Iniciamos com uma atividade de socialização para que os participantes pudessem se apresentar de forma mais próxima. Utilizamos o site *Mentimeter*, que favorece a elaboração de questionários com *feedback* rápidos, para promover uma interação inicial com a pergunta: “O que vem a sua mente quando pensa em gênero e sexualidade na educação?”. Em seguida, discutimos a legalidade da abordagem de gênero nas escolas, abrindo espaço para o compartilhamento de vivências relacionadas a projetos de lei que visam censurar a abordagem na escola. Apresentamos, então, um panorama histórico dessas tentativas de censura e finalizamos com a análise do *Manual de defesa contra a censura nas escolas*<sup>1</sup>, documento elaborado por entidades de educação e direitos humanos com orientações jurídicas para os docentes.

### Encontro 2 – Conceitos e terminologias sobre gênero e sexualidade

Iniciamos com uma nuvem de palavras interativa via *Mentimeter*. Para aprofundar os conceitos, utilizamos trechos do guia didático de Ribeiro e Thiengo (2019) e o *Pequeno Dicionário de Termos Ambíguos do Debate Político*<sup>2</sup>, produzido pelo SPW e o PIPGLA/UFRJ. Contamos com a colaboração de um cursista, especialista na área, para explicar a sigla LGBTQIAPN+. Também abordamos a origem da expressão “ideologia de gênero”, esclarecendo seu uso político e sua não existência nos materiais escolares.

<sup>1</sup> Manual disponível para download em: <<https://manualdedefesadasescolas.org.br/>>

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://sxpolitics.org/pequeno-dicionario/>>

### **Encontro 3 – Estudos feministas e a BNCC**

Apresentamos vídeos e imagens explicativas sobre feminismo, diferenciação entre feminismo e machismo, e os fundamentos dos estudos de gênero. Discutimos a BNCC, seu processo de formulação, com a supressão dos termos gênero e sexualidade, e as competências que abrem espaço para práticas pedagógicas com enfoque feminista. Também utilizamos esse momento para discutir algumas habilidades do Documento de Referência Curricular de Mato Grosso, Estado da instituição proponente do curso. Temos algumas competências e habilidades que permitem uma abordagem dos estudos feministas, principalmente as que tratam da cultura local, literatura mato-grossense e combate às desigualdades (MATO GROSSO, 2020).

### **Encontro 4 – Estereótipos e opressões**

Propusemos uma dinâmica de dupla para identificar opressões comuns, seguida de uma discussão sobre como os estereótipos se transformam em práticas discriminatórias. Apresentamos um vídeo de experimento social com estereótipos de gênero em profissões e relacionamos com habilidades da BNCC. Finalizamos com sugestões de livros, vídeos e materiais para o trabalho em sala de aula.

### **Encontro 5 – Feminismo negro**

A partir do vídeo *O teste da boneca*, refletimos sobre o racismo estrutural e suas manifestações na escola. Abordamos temas como colorismo, estigmas sobre corpos negros, saúde mental, desigualdades sociais e violência. Na sequência, apresentamos os conceitos do feminismo negro e possibilidades de sua aplicação na prática docente. Encerramos com um momento de escuta e socialização de práticas pedagógicas que podem contribuir para essa abordagem.

### **Encontro 6 – Linguagem neutra**

Apresentamos o livro *Linguagem ‘neutra’: língua e gênero em debate* (BARBOSA FILHO; OTHEIRO, 2022) para fundamentar a discussão. Exemplificamos com materiais midiáticos e analisamos propostas legislativas contra seu uso. Discutimos sexismo, misoginia e argumentos contrários à linguagem neutra, além de posicionamentos do MEC e diretrizes da BNCC, que incentivam o estudo das variações linguísticas (BRASIL, 2018).

### **Encontro 7 – Letramento crítico**

Exploramos os fundamentos do letramento crítico com mapas conceituais e uma tabela comparativa entre leitura tradicional, crítica e letramento crítico. Apresentamos habilidades da BNCC que dialogam com essa perspectiva e discutimos perguntas disparadoras para análise crítica de textos. Ao final, os cursistas compartilharam experiências e exemplos de práticas em sala.

### **Encontro 8 – Práticas feministas na escola**

Recebemos uma professora universitária e militante do movimento feminista, que compartilhou experiências de palestras em escolas públicas. Refletimos sobre como iniciar mudanças cotidianas que promovam a equidade de gênero. Também apresentamos propostas didáticas elaboradas por organizações de direitos humanos, prontas para adaptação em sala de aula e demos espaços para trocas de experiências entre os participantes.

## **Encontro 9 – Estudo assíncrono**

Os participantes exploraram os materiais sugeridos e, com base nas discussões do curso, elaboraram sequências de atividades ou planos de aula para suas turmas.

## **Encontro 10 – Socialização de práticas**

Encerramos com a apresentação das propostas elaboradas pelos cursistas. Alguns relataram práticas já realizadas, outros adaptaram sugestões do curso. O encontro foi marcado por trocas ricas e reflexões sobre o percurso formativo e as contribuições pessoais e profissionais geradas pela experiência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto de extensão *FeLin: feminismo e linguagem* consolidou-se como uma proposta formativa potente, construída de forma coletiva, crítica e comprometida com os direitos humanos e com a promoção da equidade de gênero nas práticas educativas. Ao longo dos encontros, buscamos articular teoria e prática, reconhecendo a complexidade dos temas abordados e a necessidade de criar espaços seguros para a escuta, o diálogo e a construção de saberes.

A adesão e o envolvimento das pessoas participantes mostraram que há uma demanda significativa por formações que tratem de gênero, sexualidade e linguagem com fundamentação crítica e sensível às realidades escolares. As discussões evidenciaram tanto o desejo de transformação quanto os desafios enfrentados no cotidiano docente, como o medo da censura, a falta de apoio institucional e a desinformação sobre os marcos legais que garantem a abordagem dessas temáticas na educação.

Entre os avanços, destacamos a diversidade de estratégias pedagógicas exploradas, a valorização de materiais produzidos por autoras e autores comprometidos com uma perspectiva interseccional e decolonial, e a constante relação com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o que contribuiu para legitimar a atuação docente diante de possíveis questionamentos. A participação ativa dos cursistas nos momentos síncronos e assíncronos reforçou a importância de práticas formativas que não apenas informem, mas também inspirem a ação.

Finalizamos este relato reconhecendo que a formação docente para a abordagem de gênero e linguagem inclusiva é um processo contínuo, que exige abertura, escuta, atualização teórica e coragem ética. Esperamos que o FeLin tenha representado, para cada participante, uma oportunidade de repensar práticas, revisitar crenças e fortalecer sua atuação em prol de uma escola mais justa, plural e comprometida com a dignidade de todas as pessoas.

**REFERÊNCIAS**

BARBOSA FILHO, Fábio R.; OTHERO, Gabriel. (org.) *A. Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba S.S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília, DF: UNESCO, 2009. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Professores-do-Brasil-impasses-e-desafios.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2025.

MATO GROSSO. *Documento de Referência Curricular para Mato Grosso Ensino Médio*. DRC/EM. SEDUC/MT, 2020. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/novo-ensino-medio-mt/drcmt-em-documento-homologado>>. Acesso em 13 jul. 2025.

NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

RIBEIRO, Guilherme A. M.; THIENGO, Edmar R. *Discutindo gênero e sexualidade na escola: um guia didático-pedagógico para professores*. Vitória: IFES, 2019. Disponível em: <<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/561404>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na Ciberultura*. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: <<http://www.edmeasantos.pro.br/livros>>. Acesso em: 18 jul. 2025.